Seca e fome em Massangena : as marcas do "El Nino" sobre a mulher e a criança

Iracema Maiopue Bila (Pesquisa)
Felizarda Mabote (Fotos)
Tomás Vieira Mário (Edição)

1. Panelas viradas para baixo

Em Massangena, região árida do norte da província de Gaza, desde há muito que as mulheres colocaram as panelas de cozinha ao avesso: viradas para baixo. É o primeiro sinal exterior de fome que se vê nos quintais de muitas famílias, consequência de uma seca severa e prolongada. Não tem caído chuva anos a fio, e quando finalmente caiu alguma, em Abril de 2016, não foi suficiente nem ia a tempo de salvar qualquer cultura, mesmo nas regiões baixas do rio Save. As pessoas sobrevivem de raízes e frutos de plantas silvestres.

A seca severa é efeito das mudanças climáticas, e tem como suas principais vítimas as mulheres e as crianças, não raro abandonadas à sua sorte pelos homens: para além da tradicional emigração para a Africa do Sul, os homens partem em busca de meios de subsistência para as suas famílias nas vilas mais próximas de Macia, Chokwe ou Chicualacuala.

A maioria das crianças não vai à escola há pelo menos dois anos, isto é, desde 2014. Em consequência, algumas salas de aulas foram já invadidas por cabritos, que as transformaram em suas salas de recreação, infestando-as com seus excrementos.

Como se não bastasse, a equipa de pesquisa do SEKELEKANI constatou que as diferentes iniciativas de negócios, empreendidas por mulheres, e financiadas através do Fundo de Desenvolvimento Distrital (vulgo "sete milhões") pouco impacto têm tido na mitigação da seca em Massangena: as mutuárias, que receberam o fundo sem qualquer treinamento nem acompanhamento subsequente, rapidamente foram quase todas à falência. Por isso nem poderão devolver o dinheiro recebido.

2. No rasto do El Niño

A falta de chuva na região sul e em algumas áreas da região centro tem afectado de forma muito dramática a produção agrícola. De acordo com dados de Dezembro de 2015, cerca de 176.139 pessoas estão sob uma preocupante situação de insegurança alimentar em quatro províncias, nomeadamente Gaza, Inhambane, Sofala e Niassa. Nestas regiões, milhares de famílias estarão em situação de crise alimentar séria, pelo menos até às colheitas da campanha agrícola de 2016, devido ao fenómeno denominado "El Niño".

Com efeito, Moçambique é um país particularmente exposto a eventos climáticos extremos, devido à sua localização geográfica e à frágil base económica das suas populações, com uma larga percentagem ainda vivendo na pobreza absoluta.

O país é vulnerável a secas severas em cada três a quarto anos, causando a morte de milhares de pessoas.Com uma linha costeira de aproximadamente 2.700 Km, Moçambique é igualmente vulnerável a cheias causadas por ciclones tropicais que o fustigam, três a quatro vezes por ano. Perto de 20.500 milhões de pessoas, representando 60 por cento da população vive na zona costeira, e a sua sobrevivência e vida quotidiana nestas regiões dependem em larga medida de recursos locais, tais como agricultura - dependente da chuva - e a pesca.

3. O rosto feminino da seca e da fome

No seu sofrimento, quantas vezes solitário, as mulheres percorrem todos os dias a mata ressequida, em busca de "qualquer coisa" para assegurar a sobrevivência dos filhos.

Na localidade de Kufamune a equipa do SEKELEKANI cruzou-se com Nomia Bonzane, mãe de três filhos. Ela não deve ter mais de vinte anos de idade; contudo o sofrimento marcou no seu rosto a idade dos 50 anos. Ela conta que estava de regresso da machamba, próximo das margens do rio Save, mas de lá nada pôde colher. A escassa chuva que caiu em Abril não alterou o quadro. Assim, tudo quanto Nomia leva na improvisada bagageira da sua cansada bicicleta são folhas de uma planta silvestre denominada "buchini", que brotou das poucas chuvas de Abril. Vai ser a sua única refeição do dia, com os três filhos menores de idade.

Nomia Mbozane: na machamba tudo secou

Para suplementar a sua sopa de "buchin", a jovem mãe costuma recorrer a frutos silvestres, arrancadas de árvores como o embondeiro, o nkwankwa ou a tinya. Perguntamos aonde estava o marido e ela respondeu: "foi procurar trabalho na (Vila da) Macia".

Junto à lagoa Massangena, também ressequida, no povoado de Manoji, cruzamo-nos com Flora Zacarias, também levando ao colo uma criança de tenra idade e um bidon de vinte livros de agua, à cabeça. Enquanto conversávamos com ela, o seu bebé chorava convulsivamente, sem parar: sem dúvida que a criança estava clamando por comida, pois o leite da mãe já não o satisfazia. O cabelo acastanhado do bebé é sinal evidente da sua desnutrição. Flora diz, sem rodeios, que ela mesma tem estado a emagrecer continuamente nos últimos tempos, por falta de alimentos."Socorremo-nos de bave (ou cacana), planta rasteira que nasce espontaneamente no campo e muito resistente à seca.

Flora Joana: "sobrevivemos na base do bave"

4. **Cabritos transformam salas de aulas em seus espaços de recreação**

No Posto Administrativo de Mbocoda, um professor, que pediu para não ser identificado, levou a equipa do SEKELEKANI até à Escola Primária EP1 "7 de Abril", com um propósito: mostrar que a mesma, há muito abandonada, está repleta de excremento de cabrito: os quadrúpedes a transformaram em sua "sala de recreio". Trata-se de uma escola construída pela comunidade local, na base de paus e adobe. É chocante como o estado de total abandono desta escola e a sua transformação em curral "clandestino" de cabritos simboliza a situação humanitária em Massangena. Está ali gravada uma grave mensagem: o desenvolvimento humano está a retroceder, pois os níveis de pobreza as taxas de analfabetismo estão a crescer!

Uma sala de aulas com excrementos de cabrito

Segundo dados oficiais, em 2014 cerca de 161 crianças abandonaram a Escola. Dos 4.616 alunos matriculados no presente ano lectivo, em Março já tinham desistido de estudar 74 crianças.

Relativamente às raparigas, sabendo-se que mesmo em condições de estabilidade alimentar não frequentam a escola para além de dois anos de escolaridade, a seca prolongada praticamente anula-lhes qualquer possibilidade de acesso à educação. Ainda em tenra idade, elas são obrigadas a fazerem longas caminhadas, com ou sem as mães, em busca de água, onde ela ainda seja acessível. Este é o caso da Teresinha, de 6 anos, que percorre uma longa distancia, diariamente, para a recolha de alguma água, junto da lagoa Massangena, na zona de Manoji.

A Teresinha percorre todos os dias longas distancias em busca de água

À semelhança de outras crianças desta região, a Teresinha também apresenta sinais visíveis de desnutrição, como o cabelo acastanhado e peso muito abaixo do mínimo tolerável.

Segundo apuramos no local, as escolas recebiam, até finais de 2015, algum apoio em ração alimentar básica, providenciada por Organizações Não-Governamentais, das quais foi destacada a JAM Life. A finalidade era, exctamente, prevenir desistências por fome. Contudo este suplemento foi descontinuado em 2016, acentuado o risco de abandono escolar.

O cenário de abandono da escola repete-se em qualquer localidade de Massangena, a exemplo de Mavue. Aqui encontramos Alfredo Cossa, Professor da EP1 local. Ele nos disse que, aqui também, devido à fome, as crianças não têm comparecido na Escola. E explica: "assim que amanhece a prioridade (das crianças) é sair em busca de oportunidade de trabalho e comida, a mando dos pais ou por iniciativa própria". Alguns adolescentes, com a conivência

dos pais, partem para as vilas de Chokwe ou mesmo Chicualacuala, à procura de oportunidades de "trabalho". Isso significa, geralmente, cuidar de gado de outras famílias.

É caso para dizer que, no meio desta pobreza extrema e generalizada, há ainda pobres oferecendo "emprego" a crianças de pais igualmente pobres. Pois, famílias sem alimento entregam as suas crianças a outras famílias, para lhes pastorear o pouco gado ainda sobrevivo. Deste modo, estas famílias asseguram que as suas crianças têm acesso ao mínimo de alimentos para a sua sobrevivência, em troca de trabalho.

Estes dois meninos pastoreiam gado da família Chauque, longe da sua casa.

Mas há casos sociais mais graves: incapazes de encontrar qualquer meio de sustento, há pais e mães que optam por abandonar as suas aldeias e filhos menores, refugiando-se em Vilas como a da Macia. Na pacata Vila de Massangena, quando a nossa equipa procurava recolher depoimentos de crianças, estas surgiam daqui e dali, algumas vendendo galinhas cafreais, vivas. Foi o caso do Mary e do Zanele Zitha, de seis e treze anos respectivamente. Os dois apareceram com galinhas vivas junto do Kanyssa, local de hospedagem da nossa equipa, procurando compradores de suas galinha, a mando de avós e de pais.

Mary, com visíveis sinais de desnutrição, diz que vive com a avó, do lado do pai, porque o pai e a mãe abandonaram a aldeia, à procura de meios de sobrevivência. Mary sabe que a mãe se encontra na Vila da Macia, mas já não sabe do paradeiro do pai.

Por seu lado, Zanete diz que não vai à Escola desde 2014: abandonou-a para ajudar os pais a procurar meios de sobrevivência. Primeiro, começou por faltar dinheiro aos pais para lhe comprar material escolar; mas logo a seguir já nem comida havia em casa: com fome, ninguém pode percorrer longas distâncias, da casa para a escola, e ainda compreender aulas de matemática!

Enquanto decorria a conversa com estes pequenos "vendedores de galinha", outras crianças, esquálidas, rodeavam-nos, curiosas. Algumas aparentavam ser já vítimas de Kwashiorkor, estado de alta desnutrição, causada por falta de proteínas e vitaminas, geralmente associada a elevado consumo de carboidratos, que se pode resumir, neste caso, a farinha de milho e a mandioca.

De avós que acabam ficando a cuidar dos netos, encontramos o exemplo de Tsatsawane, uma anciã de 71 anos de idade. Ela ficou com três netos, a quem garante a sobrevivencia preparando uma bebida denominada uchema. Esta, antes de fermentar, é doce e não contém alcool. E após fermentar, é bebida de adultos."O Sol queimou tudo, o milho e todas as outras culturas", suspira, cansada, a anciã.

Enquanto conversava com a equipa do SEKELEKANI, num canto do quintal a vovó Tsatsawane preparava a refeição do dia, cozendo uma melancia, que ia partilhar com os netos, mais tarde.

A resposta do Fundo de Desenvolvimento Distrital

As autoridades procuraram encorajar no sentido de que os projectos concorrentes ao Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD) - vulgarmente conhecido por "7 milhões"- sejam virados para ajudar a mitigar a fome.

Na sequência, foram aprovados, ultimamente, projectos destinados à produção de alimentos, criação de gado, montagem de motobombas para a irrigação de hortas, furos multifuncionais, para o abeberamento do gado, irrigação de pequenas machambas. Houve também alguns projectos destinados à exploração de transporte semicolectivo de passageiros.

Os critérios de seleção dos projectos seguem uma perspectiva de género, com instruções segundo as quais pelo menos 40% dos mesmos devem ser de mulheres, a título individual ou através de associações, ou de alguma forma, beneficando a mulher e a criança.

As mulheres casadas com homens polígamos podem, cada uma, de forma individual ou colectivamente, aceder ao fundo. De um modo geral, cada homem na Província de Gaza casa com três mulheres, e tratando-se de uma sociedade conhecida como profundamente machista, significa que, em teoria, um só homem pode aceder a financiamentos do FDD para três projectos! Mas não tem sido o caso, pois o número de mulheres submetendo projetos para o FDD permanece extremamente diminuto.

Na sua maioria, contudo, os projectos que as mulheres têm encabeçado não têm sido sustentáveis e, falindo, deixam as suas mutuárias em condições socio – económicas e emocionais piores do que antes: na prática elas ficam endividadas e com o estigma de incompetência. Este é o caso de Maria Dzimba, que com o FDD adquiriu um minibus para fomentar transporte semicolectivo de passageiros, ligando Massangena a Chokwe. O mercado foi bem identificado. Contudo, Maria Dzimba idealizou e geriu o projecto sozinha, sem qualquer experiencia nem preparação técnica de base, pois há factores de risco por acautelar, como a manutenção sistemática da viatura, entre outros. O projecto não vingou: foi à falência, poucos meses depois.

É muito comum as mulheres ficarem sozinhas no campo com as crianças

Por seu lado, os equipamentos de furos de água têm tido avarias constantes e, sem qualquer capacidade local de reparação, o impacto na mitigação dos efeitos da seca tem sido insignificante. Adicionalmente, frequentes roubos de peças de motobombas, não acessíveis no mercado local, têm também inviabilizado os projetos.

Quando a emenda é pior que o soneto

A directiva segundo a qual o FDD deve garantir uma percentagem específica de projectos submetidos por mulheres responde, no caso em apreço, às políticas do governo de combate aos efeitos das mudanças climáticas. Estas determinam que a mulher deve ser envolvida na concepção e implementação de projectos-programas relacionados com mudanças climáticas e uso sustentável dos recursos naturais.

Contudo, a atribuição de tais fundos, fora de consideração de iniciativas de treinamento, ainda que básico, sobre a gestão dos projectos submetidos e aprovados, bem como do respectivo fundo, pode ter efeitos perversos, sobre as mutuárias, talvez piores do que o seu anterior estado de necessidade. Os casos de insucesso e falência encontrados em Massangena denunciam políticas e estratégias governamentais implementadas mecanicamente, onde foram descuradas as realidades locais, no sentido de reforçar a capacidade técnica existente. A falência das iniciativas femininas, num ambiente de forte tradição machista, apenas foram acentuar o mito segundo o qual a mulher não tem capacidade para gerir negócios, sendo esta actividade apanágio exclusivo do homem. O qual é, em Massangena, como na gereralidade da província de Gaza, polígamo e "dono"

das suas mulheres!

As mulheres que desenvolvem actividades no ramo comercial, nomeadamente na venda de produtos de primeira necessidade no mercado informal (barracas) queixam-se da falta de um armazém em Massangena. Isso obriga-as a frequentes viagens longas, aonde vão adquirir produtos, facto que, por sua vez, torna o negócio inviável, dado o alto custo dos transportes. Por isso um armazém em Massangena viria a calhar, dizem.

Outras medidas de mitigação da fome

Além do FDD, o governo distrital tem estado a coordenar ações de mitigação da fome, em parceria com organizações internacionais como o Programa Mundial para a Alimentação-(PMA), a Save the Children, entre outras. Desde Setembro de 2015 que o PMA vem implementando uma iniciativa denominada Projecto e Acção Social Produtiva (PASP). Inicialmente previsto a terminar em Dezembro passado, o PASP foi posteriormente estendido até Maio passado.

Na base da filosofia de "comida pelo trabalho", o projecto seleciona as pessoas mais criticamente atingidas pela seca, para desenvolverem actividades produtivas como fabrico de tijolos, limpeza da vila ou abertura de vias terciarias. Recebem, no final de cada mês, uma cesta básica de milho e feijão. Contudo, o estado de profunda debilidade física em que os beneficiários geralmente se encontram, transforma o seu trabalho quase num novo sofrimento!

No quadro específico da saúde da mãe e da criança (materno-infantil) algum apoio tem vindo do Instituto Nacional da Acção Social (INAS) da delegação de Chicuálacuála. Segundo explica Sara Fenias, enfermeira, com as funções de Ponto Focal de Combate ao SIDA, o apoio do INAS tem consistido na provisão de leite e papas e outros produtores de suplementação alimentar à mãe e à criança.

Mas o rasto das mudanças climáticas, na forma de seca severa, não poderia ser mais dramático em Massangena. Apesar do distrito ter já recebido a energia elétrica da rede nacional em 2015, nele a fome é ainda negra. E, além de tudo, o distrito pode ser vítima de si próprio: fica longe de tudo e tem poucos habitantes! A aliança entre estes dois factores torna as contas de ajuda a Massingir mais pesadas do que em várias outras regiões da Província de Gaza. Porque Massangena já faz limite com a Província de Manica!